

Caminhos cruzados

Crossed Roads

Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doces frutos,
Naquele engano de alma, ledo e cego,
Que fortuna não deixa durar muito.
Nos saudosos campos do Mondego.

Luís de Camões

Ufes/AEL

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e a Academia Espírito-santense de Letras (AEL), duas entidades irmanadas no desempenho da cultura literária do nosso Estado, têm, também em comum, componentes que participam como acadêmicos da segunda instituição.

Mais da metade da década de cinquenta, eu professora primária, recém-chegada de Muqui para fazer o curso de Letras Neolatinas, então oferecido pela segunda vez, na Faculdade de Filosofia do Espírito Santo (Fafi) um dos embriões da atual Ufes, tinha

* Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Emérita da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Presidente da Academia Espírito-santense de Letras (Cadeira 27).

entre os meus professores membros da AEL, que nunca nos falaram sobre ela. Um, o poeta Geraldo Costa Alves, que nos apresentava declinações verbais em latim e as *Catilinas*, e o professor Guilherme Santos Neves, que além dos escritores portugueses, deliciava-nos com o seu entusiasmo pelo folclore impulsionando-nos a despertarmos para essa cultura popular capixaba.

Certo dia, estávamos em aula quando um jovem professor, possuidor de uma fisionomia e voz agradáveis, Renato Pacheco, veio convidar-nos para assistir ao curso de Machado de Assis, que a AEL ofereceria e nos falou sobre a instituição, sobre o curso e nos forneceu o endereço em que funcionava. Ficava na Av. Jerônimo Monteiro, no terceiro andar do Banco Agrícola do Espírito Santo. Lá haveria palestras, conferências sobre Machado de Assis e, com "assiduidade", receberíamos certificado. Naquele período, eram raros os eventos daquele porte. Lá estive entre os que assistiram às palestras e recebi então um documento assinado pelo secretário Nelson Abel de Almeida e pelo Presidente Eurico Queiroz do Valle.



Fac-símile do certificado assinado pelo secretário Nelson Abel de Almeida e pelo Presidente da AEL, Eurico Queiroz do Valle.

No fim daquela década, como professora de francês e espanhol no Colégio Americano convivia com os professores e acadêmicos Ivo Amâncio Oliveira e Alberto Stanger Júnior, que eram acadêmicos, da AEL, mas nunca mencionaram tal fato.

As aulas no Colégio Estadual do Espírito Santo (CEES) (atuava no ginásio, científico e clássico, além das aulas dadas no Curso de Letras Espanhol da Ufes), a casa, o marido,

os filhos, enfim, envolvida com a vida profissional e familiar, deixei-me tragar pelo ramerrão e esvair-se a minha mente como cumulus levados pelo vento. AEL não fazia parte do meu cotidiano, e imagino agora que o pouco movimento cultural dela advindo contribuiu para o meu pouco interesse.

No Colégio Estadual do Espírito Santo tive como colegas os acadêmicos Aylton Rocha Bermudês e Ivo Amâncio Oliveira, mas não me lembro de ouvir desses professores qualquer alusão à AEL e à função por eles desempenhada ali.

Na década de 80 houve uma suspensão de oferta do Curso de Licenciatura de Espanhol no Departamento de Línguas e Letras (DLL)/Ufes e passei a atuar como professora e coordenadora da disciplina Expressão em Vernáculo, que se ofertava para todos os cursos da Ufes. Nessa ocasião era minha aluna Neida Lúcia Moraes que me ofertou o livro *Olhos de ver*. Tomei conhecimento à época de que a estudante pertencia à AEL, na qual tinha tomado posse em 1984, sendo, portanto, a segunda mulher a fazer parte dessa instituição, a primeira tinha sido Judith Leão Castello Ribeiro. Devo registrar que a notícia não me foi dada por ela, que sempre foi muito reservada, mas por uma colega. Li a obra, que considerei de muito valor, adotei-a como leitura em minhas aulas no CEES e convidei a autora para um encontro com os alunos. Em seguida o Professor de História da Ufes, Renato Pacheco, lançou o romance *A oferta e o altar*, obra que também adotei em minhas aulas no CEES. Pacheco aceitou, gentilmente, o convite para conversar sobre a obra com os estudantes, autografando exemplares da mesma. Nessa ocasião nos deu notícias sobre a AEL.

Nessa década, a AEL ganhou um novo impulso, quando o acadêmico Kosciuszko Barbosa Leão, em 86, doou sua casa na Cidade Alta, ao lado do Palácio José de Anchieta para funcionamento da Academia. Com essa melhoria, os acadêmicos puderam reorganizar suas atividades, destacando-se entre elas o funcionamento da Biblioteca Saul de Navarro e o preenchimento de vagas.

Embora não tivesse grande repercussão na imprensa da época a posse de novos membros, muitos nomes importantes passam a fazer parte da AEL, na década. São eles: Neida Lúcia Moraes, já mencionada, José Carlos da Fonseca, Antônio José Miguel Feu Rosa, Ormando Moraes, Christiano Dias Lopes Filho, Miguel Depes Tallon, Rômulo Salles de Sá, Gabriel Augusto de Mello Bittencourt, Oscar de Almeida Gama Filho, Luiz Busatto,

Ana Bernardes da Silveira Rocha, Levy Cúrcio da Rocha, Athair Gagnin, Waldemar Mendes de Andrade, Waldir Vitral, Evandro Moreira, Crystalino de Abreu Castro, Virgínia Gasparini Tamanini, Wilson Lopes Rezende, José Luiz Holzmeister, Hermógenes Lima Fonseca, Jayme Santos Neves, Marien Calixte, Elmo Elton Santos Zamprogno, Elviro Athayde de Freitas e Antônio Coelho Sampaio.

A AEL permanecia como uma entidade distante para mim e imagino para muitos dos meus colegas. No entanto, a posse do Professor de Literatura Brasileira no DLL, Luiz Busatto, ocasionou uma mudança nesse estado de coisas. A cerimônia de entrada do colega foi celebrada na Ufes, e para o ritual todos os professores do DLL foram convidados, o que me permitiu assistir por primeira vez a uma cerimônia acadêmica de posse.

Também nessa década foi aberto pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA), na Ufes, o Concurso Permanente de Literatura do Espírito Santo e Roberto Almada foi o ganhador com a obra *O país d'el Rey e a casa imaginária*.

Sob pseudônimo, o livro *Momento*, de minha autoria, foi inscrito por minha filha para concurso. Decidido o ganhador, Elmo Elton manteve contacto comigo, pois havia gostado muito de minha obra. Ofereceu-me para prefaciá-la, quando a publicasse, e aconselhou-me a competir com ela no concurso da AEL. Assim o fiz, mas por timidez não solicitei o prefácio ao acadêmico. E numa cerimônia no IHGES, presidida pelo Professor da Ufes, Nelson Abel de Almeida, então presidente da AEL, recebi livros por minha participação no concurso. Essas obras foram para mim fonte de conhecimento sobre a AEL.

No princípio da década seguinte, de 1990 a 1996, tomaram posse: José Ignácio Ferreira, Miguel Arcanjo Marvillia de Oliveira, Francisco Aurelio Ribeiro, Américo Barbosa Menezes Júnior, Luiz Carlos Vergoni Nejar, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Magda Regina Lugon Arantes, Humberto Del Maestro e eu. Como Francisco Aurelio Ribeiro era Professor do DLL, fomos todos os professores convidados para a sua posse, que ocorreu na nossa Universidade e tivemos a oportunidade, então, de conhecer um pouco mais sobre a AEL e de saber como se realizavam as cerimônias. Ficamos todos os colegas do DLL muito alegres por termos no Departamento dois membros da AEL. E estava eu um dia qualquer posta em sossego não no "Mondego", mas na minha sala no prédio Bernadette Lyra, na Ufes, no Prédio de Letras, no Campus de Goiabeiras, "colhendo

doces frutos” do trabalho, “que fortuna não deixa durar muito”, quando fui instada por Miguel Depes Tallon, que tinha sido meu aluno e trabalhava na Reitoria da Ufes, a apresentar meu currículo em preenchimento de vaga na AEL.

Dias depois me trouxe a notícia que havia sido escolhida por unanimidade. A partir desse dia começou o meu afã para conhecer o mais profundamente possível a história da AEL e qual seria o meu papel como membro daquela casa. Escolhi a Cadeira 27, que tinha sido ocupada por Elmo Elton e Roberto Almada, autores por quem tinha apreço e admiração. Escolhi como orador-receptor o meu amigo e colega, então Coordenador do Mestrado do DLL, Francisco Aurelio Ribeiro, e fui procurar informações que me ajudassem a falar sobre o patrono da Cadeira 27 e os acadêmicos que me haviam precedido, principalmente conhecer as obras do último ocupante, Roberto Almada. A posse deveria acontecer na Ufes, mas uma greve deflagrada pelos servidores na época impediu que o ato tivesse lugar nas dependências do Campus de Goiabeiras e o evento foi realizado no auditório da Rede Gazeta. A imprensa da cidade destacou o fato de ser eu uma mulher, e seria a quinta a entrar nessa academia que era conhecida como “Academia dos Homens”. Paulo DePaula, então professor do Centro de Artes, fez com alguns estudantes uma apresentação surpresa com estudantes com poemas meus durante a cerimônia, ocasionando especial emoção para todos.



Imagem dos/das estudantes que participaram do jogral com poemas de Ester de Oliveira e da mesa no dia de sua posse como acadêmica (Fotos sem crédito).

Academia mais feminina

A poetisa Ester Abreu Vieira de Oliveira toma posse hoje na Academia Espírito-Santense de Letras, que passa a contar com cinco mulheres entre 40 acadêmicos

Foto de Luiz Pajau

Ivana Esteves

Mais uma mulher ocupa cadeira na Academia Espírito-Santense de Letras. Toma posse hoje, na cadeira nº 27, que teve como último ocupante o poeta Roberto Almada, a poetisa, professora universitária licenciada em Letras Neolatinas e mestre em Filologia Espanhola e Língua Portuguesa Ester Abreu Vieira de Oliveira. A cerimônia será às 19 horas, no auditório do Centro de Estudos Gerais da Ufes.

A academia foi fundada em setembro de 1937. Atualmente, dos 40 ocupantes, apenas quatro são mulheres – Ana Maria Bernardes, Neida Lúcia de Moraes, Maria Helena Teixeira e Magda Lugon. A primeira mulher a assumir uma cadeira na academia, rompendo uma tradição de 44 anos foi a escritora e também primeira deputada estadual Judith Leão Castello, em 1981.

Com dois livros de poemas publicados – **Momentos e Ibéria Dividida** –, participação em diversas antologias poéticas, mais de 50 ensaios publicados em revistas, anais de congressos, jornais do Espírito Santo e de outros Estados, além de publicações didáticas, a poetisa Ester Abreu Vieira de Oliveira foi escolhida por unanimidade para compor o quadro de acadêmicos. Ela, que só esteve uma vez na academia participando de um curso, se diz surpresa e agradecida, principalmente aos professores Francisco Aurélio Ribeiro e Miguel Depes, pela sua indicação. A acadêmica Ester Abreu Vieira de Oliveira tem como metas ao assumir a cadeira, que tem como patrono Afonso Cláudio, promover eventos, cursos e concursos literários.



Ester Abreu Vieira pretende promover cursos e concursos literários



HOJE ÀS 21H30M

QUINTA ESPECIAL

*com a Banda
Novas Emoções*

Rua Vitalino Santos Valadares, nº 455 - P. do Canto
Reservas de mesas: 227-2887

Fac-símile da matéria de Ivana Esteves, "Academia mais feminina", publicada em *A Gazeta*, de 31 de maio de 1996.

A mesa aplaudiu efusivamente a apresentação do jogral organizado por Paulo DePaula.

Em dezembro de 2019, uma honra maior me foi concedida: fui eleita a segunda mulher a presidir a AEL – a primeira foi Maria Helena Teixeira de Siqueira (2000-2004) – e o décimo sexto acadêmico a presidi-la. O fato de estar na presidência da instituição durante os festejos de seu centenário avoluma minha responsabilidade.



Registro da diretoria da AEL no período 2019-2022:

Marcos Tavares, Anaximandro Amorim, Álvaro José dos Santos Silva, Josina Drumond, Adilson Vilaça, Wanda Alchimin, João Gualberto, Ester Abreu, Francisco Aurelio Ribeiro, Ítalo Campos e José Roberto Santos Neves (Foto sem crédito).

A presidência me foi transferida pelo Presidente de Honra Prof. Dr. Francisco Aurelio Ribeiro que iniciou o seu discurso com estas palavras:

Pela segunda vez, estou dando posse a uma mulher como Presidente da Academia Espírito-santense de Letras. A primeira em 2001, passava o cargo a Maria Helena Teixeira de Siqueira, a primeira mulher a chegar à Presidência de nossa casa de letras. Os tempos eram outros. Iniciávamos um novo século e estávamos todos imbuídos de um espírito esperançoso, acreditando num futuro mais promissor para o nosso país, para a cultura e as artes. Dona Maria Helena, juntamente como Prof. Aylton Bermudes, eu e Ester trabalhamos muito para sanear financeiramente nossa Academia, conseguir recursos para a manutenção de nossa casa, para nossas publicações e a nossa Revista.

Desde 1998, conseguimos fazer nossa Revista, tendo conseguido publicar 24 volumes nesses 21 anos. O mais recente está sendo lançado hoje. Sempre acreditamos que uma casa de Letras deveria ter a publicação de seus acadêmicos divulgados e a sua história registrada. No entanto, até 1991, durante 70 anos, a Academia Espírito-santense de Letras não teve uma Revista própria, diferentemente do que ocorreu como IHGES. Nossa administração priorizou o registro da memória escrita e talvez tenha sido aí o nosso maior mérito, e se algum o tivemos e a fonte de nosso maior desgaste.



Registro da posse de presidência de Ester Abreu, por Francisco Aurelio Ribeiro, no IHGES (Foto sem crédito).

Como se pode constatar, Ufes/AEL se irmanam não apenas pelo ideal de educação e cultura literária que defendem e difundem, mas também pelo fato de professores da Ufes, de vários centros, e ou pessoas que nela estudaram terem seus nomes elencados na AEL e fazerem parte da história da Academia. Esta enumeração comprova a assertiva: Geraldo Costa Alves, Guilherme Santos Neves, Clóvis Rabello, João Batista Herkenhoff, Neida Lúcia de Moraes, José Miguel Feu Rosa, Miguel Depes Tallon, Gabriel Augusto de Mello Bittencourt, Oscar de Almeida Gama Filho, Luiz Busatto, Miguel Arcanjo Marvilla de Oliveira, Francisco Aurelio Ribeiro, Nelson Abel de Almeida, Adilson Vilaça, Pedro José Nunes, Bernadette Lyra e João Gualberto Moreira Vasconcellos, sendo os dois últimos e eu Professores Eméritos da Ufes e quatro deles tendo atuado no DLL/Ufes: Francisco Aurelio Ribeiro, Luiz Busatto, Bernadette Lyra e eu, como professores e dois tendo sido alunos: Miguel Marvilla e Pedro José Nunes. Essa deve ser uma das razões que inconscientemente os membros do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), com esta publicação

prestam homenagem à AEL, sendo o sentido consciente o centenário de uma instituição cultural literária do Espírito Santo.

O Neples foi criado em 1996, por Francisco Aurelio Ribeiro, como órgão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que “busca promover reflexões críticas sobre as manifestações literárias no Espírito Santo e organizar documentação sobre a(o)s principais autora(e)s e obras, divulgando-os junto ao público crítico e leitor em geral”, conforme está em seus objetivos e a AEL, como foi dito no fragmento do discurso do Professor Francisco Aurelio, procura cultivar as letras com publicações de revistas, livros e reedição de obras esquecidas de escritores capixabas. Por isso homenagear a AEL em seu centenário com esta publicação se ajusta aos objetivos estabelecidos pelo regimento do Neples na sua política de difundir as manifestações culturais do Estado.

Breve histórico

A Academia Espírito-santense de Letras (AEL) é a segunda instituição cultural a ser instituída no Espírito Santo. Foi fundada em 1921, precedendo-a o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1916. Contudo, nessa sua marcha para o futuro, nem sempre seguiu um caminho linear, pois houve altos e baixos em seu percurso, mas sempre foram persistentes os seus componentes, erguendo-a para hoje orgulhosamente festejar o seu centenário.

Neste ano do seu centenário, a AEL promove celebração e ações para celebrar essa festividade. Entre elas há palestras, encontros, exposições, concursos e lançamento do SELO ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, um dos marcos desta efeméride, emitido pelos Correios do Brasil, que, com certeza, será procurado pelos filatelistas, pela beleza de sua imagem, e pela representação do acontecimento. Cabe registrar que a AEL quando fez oitenta anos de fundada teve o carimbo dos correios. Na programação

consta também uma reunião festiva no dia 4 de setembro, considerada a data da fundação, no Teatro da Ufes.



Fac-símiles do selo e do carimbo comemorativos do centenário da AEL dos Correios do Brasil (Foto de divulgação).

O primeiro ano do nosso mandato foi marcado pelos efeitos maléficos de uma pandemia, essa adversidade, porém, não abate a diretoria, que vem executando ações que, respeitando protocolos recomendados pela ciência, permitam programar feitos importantes, esperançosos que estamos de um ano de 2021 mais tranquilo. Agradeço emocionada aos colegas, do DLL/Ufes, do Neples, a homenagem que estão preparando para o centenário da AEL, que me cabe presidir agora, mas onde estiveram atuando os demais presidentes, excelentes, que procuraram engrandecer a AEL, desde a sua fundação:

1921/1935	- Don Benedito Paulo Alves de Sousa
1937/1938	- Achimimo Martins de Mattos
1938/1939	- Augusto Emilio Estellita Lins
1939/1941	- João Dias Collares Junior
1941	- Augusto Emilio Estellita Lins
1941/1963	- Eurípedes Queiroz do Valle
1964/1965	- Ceciliano Abel de Almeida
1967/1973	- José Antônio Ruy Côrtes
1973/1974	- Nelson Abel de Almeida
1984/1992	- José Moysés
1993/1995	- Christiano Dias Lopes Filho
1996/1998	- Rômulo Salles de Sá
1999/2001	- Francisco Aurelio Ribeiro
2002/2004	- Maria Helena Teixeira de Siqueira
2005/2010	- Francisco Aurelio Ribeiro
2010/2013	- Gabriel Augusto de Mello Bittencourt

A publicação deste número da revista *Fernão*, do Neples, dá continuidade aos anseios da AEL como registrou o nosso Presidente de Honra Francisco Aurelio sobre a necessidade de priorização da memória e, principalmente, dos escritores do nosso Estado.

Fundação da AEL

Foi em julho de 1921 que Alarico de Freitas, advogado, Elpídio Pimentel, professor, e Sezefredo Garcia de Rezende, jornalista, idealizaram a fundação da AEL. Para sacramentar a aspiração, esse trio de intelectuais organizou em 31 de julho, às 15h, uma reunião, no bairro Parque Moscoso, no salão do “Clube dos Boêmios”, para comunicar a intelectuais capixabas convidados o plano de seus anseios.

Alarico explicou as razões da reunião aos presentes, que acataram a aspiração idealistas. Convidaram o Bispo Diocesano, Dom Benedito Paulo Alves de Souza, para presidir os trabalhos e o jornalista Thiers Velloso para secretariar. Estabeleceram o nome dos titulares. Além dos já citados, Alarico de Freitas, Elpídio Pimentel, Sezefredo Garcia de Rezende, Dom Benedito Paulo Alves de Souza e Thiers Velloso, acrescentaram os nomes do Desembargador Antônio Ferreira Coelho, Aristeu Borges de Aguiar, Aristides Freire, Cassiano Cardoso Castello, Henrique O’Reilly de Sousa, Major João Aguirre, Aloyso Silva, Arnulpho Mattos, Archimino Martins de Mattos, Luiz Antonino, Affonso Correia Lírio, Aristóteles da Silva Santos, Fernando Rabello, Olyntho Aguirre, Jair Tovar, Manuel Pimenta, João Bastos, Genérico de Assis e Jugurtha Couto como parte do núcleo fundador. Deram à agremiação o nome de Academia Espírito-santense de Letras (AEL). Ficou determinado que fosse vinte o número das cadeiras.

O propósito da criação da AEL seguiu adiante. Em 14 de agosto, em outra sessão, no salão nobre da Escola Normal, elegeu-se a diretoria assim constituída: Presidente – Dom Benedito Paulo Alves de Souza, Primeiro Secretário - Elpídio Pimentel, Segundo Secretário - Sezefredo Garcia de Rezende, ficando os secretários incumbidos de redigir o estatuto. Na reunião de 28 de agosto, às treze horas, no salão nobre da Escola Normal

foi distribuído o texto do Estatuto, elaborado por Alarico de Freitas para melhor ser discutido.



Membros fundadores da AEL: Presidente Dom Benedito Paulo Alves de Souza, Primeiro Secretário, Elpídio Pimentel, e Segundo Secretário, Sezefredo Garcia de Rezende (Fotos sem crédito).

Em 4 de setembro, às 14h, no salão nobre da Escola Normal, realizou-se a sessão extraordinária que, depois de discutidos os termos e aprovado o documento, anteriormente entregue, estabeleceu: “ficou na história da Academia como verdadeiro marco de sua fundação” esta data. O presidente D. Benedito de Souza propôs um voto de louvor à Comissão organizador pela presteza e cuidado com que realizou a tarefa a eles pedida, e pediu que se contasse em ata.

Em 27 de novembro às 14h, no Salão de visita do Palácio Episcopal foi realizada a reunião e aprovado o projeto do Regimento Interno, redigido por Aristeu Borges de Aguiar. O Presidente D. Benedito Souza pediu para registrar em ata um voto de louvor a Aristeu Borges de Aguiar pela presteza e correção do projeto de Regimento Interno. Nessa reunião Elpídio Pimentel, encarregado de fazer o convite ao professor Aristides Freire, para fazer parte do grupo de acadêmicos, relatou que o professor declinou do convite por “ser-lhe impossível aceitar a distinta indicação em face de sua velhice avançada, que não lhe permitia esforços e lides intelectuais”.

A nova Academia foi-se reunir novamente só no dia 20 de agosto de 1922, no gabinete do Exmo. Sr. Presidente do Congresso Estadual, Alarico de Freitas, onde deliberaram o preenchimento das 20 vagas, o que aconteceria no dia 20 de setembro. Contudo, na data afixada, não pôde ser feita a solenidade de posse dos acadêmicos e, na reunião no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES), às 19h, do dia 17 de agosto

do ano de 1923, foi proposta a data do dia 28 de setembro de 1923, para posse dos acadêmicos indicados na reunião do ano anterior e deliberado que os acadêmicos, de acordo com o artigo 4º do Estatuto, escolhessem seus patronos.

No dia 25 de setembro, às 19h, no salão do IHGES, o secretário, Elpídio Pimentel, relatou quais os patronos indicados por Afonso Cláudio, Aristóbulo Leão, Cassiano Cardoso Castello, Affonso Correia Lyrio, José de Barros Wanderley, Álvaro Henrique Moreira de Sousa e Manuel Teixeira Leite, entre outras comunicações. Foi discutida e aprovada a programação da solenidade. No dia 28 de setembro de 1923, às 20h, foi aberta a sessão magna, no salão nobre da Escola Normal, dois anos após a criação da AEL, então, com a presença de autoridades locais e estaduais, fez-se a instalação solene da AEL, que foi amplamente noticiada pela imprensa estadual e nos jornais do Rio de Janeiro, então capital do Brasil.



Registro da sessão de instalação da AEL, em 28 de setembro de 1923.

De 1930 a 1937 a AEL esteve inativa, por vários motivos, inclusive por mudanças e falecimentos de acadêmicos. Mas, durante este período a parte cultural literária, não ficou ociosa, pois surgiram, em Vitória, o Grêmio Rui Barbosa e a Academia Espírito-santense dos Novos, idealizados e presididos por estudantes, que por suas atividades culturais serviram de estímulo a que os membros da AEL procurassem reerguê-la. E em 18 de setembro de 1937, na sede da Associação Espírito-santense de Imprensa, reunidos os acadêmicos decidem preencher as vagas deixadas pelos falecimentos de membros efetivos e reativar as atividades culturais. Cuidam de reformar o Estatuto e elevar o número de cadeiras para 30, com a indicação dos respectivos patronos. Assim recomeça para a AEL uma fase de prosperidade estando na presidência Archimino Martins de

Mattos. Este renascimento continuará com o seu sucessor Augusto Emílio Estellita Lins, que realizava regularmente as sessões às quintas-feiras e conseguiu subvenções do governo federal, podendo adquirir material indispensável para essa reorganização.

Em 1939, sob a presidência de João Dias Collares Junior, a AEL adaptou suas diretrizes às da Federação das Academias de Letras do Brasil, com sede no Rio de Janeiro, e aumentou de 30 para 40 o número das cadeiras.

Em 1941 torna-se presidente Eurípedes Queiroz do Valle. Ficou nessa presidência até 1963, desenvolvendo trabalho notório, inclusive, em 1943, conseguiu uma sede condigna para as reuniões e eventos, como cursos e palestras, no 3º andar do edifício do Banco do Crédito Agrícola do Espírito Santo.

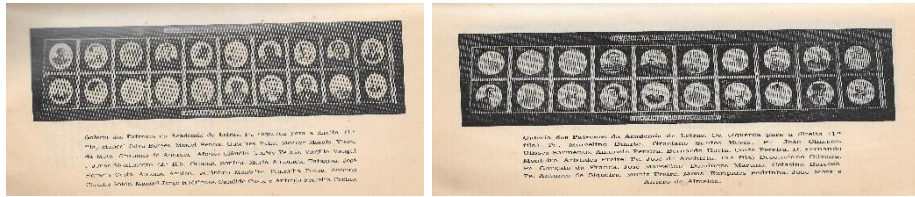


Eurípedes Queiroz do Valle (Cadeira n. 27) (Foto sem crédito).

A AEL modificou alguns dados do Regimento Interno e do Estatuto e pôde adquirir um mobiliário para organizar a biblioteca Saul de Navarro e a galeria geral dos patronos.



Reunião da AEL em 4 de setembro de 1947 e a Biblioteca Saul de Navarro ao fundo (Foto sem crédito).



Galeria geral dos patronos da AEL.



Foto do edifício sede do Banco de Crédito Agrícola do Espírito Santo. No 3º andar funcionava a AEL. Ao lado, o busto de Saul de Navarro.

Mas com a demolição do prédio, para construção do edifício onde se encontra o Banco do Estado do Espírito Santo (Banestes), a Academia ficou sem sua sede e seu acervo ficou prejudicado. Seu acervo, lançado na Praça Oito, foi recuperado pelo presidente Nelson Abel de Almeida e levado para a Fafi. Entre móveis e livros estava o busto de Saul Navarro (pseudônimo do Acadêmico Álvaro Henrique Moreira de Souza, nascido em Santa Leopoldina-ES), hoje esta estátua encontra-se na entrada da sala da sede da AEL.

Mas, o acadêmico Kosciuszcko Barbosa Leão convidou os colegas acadêmicos a realizarem reuniões mensais em sua residência na Praça João Clímaco, situada no bairro Cidade Alta, ao lado do Palácio do Governo, ponto nobre da cidade.

A residência foi gentilmente doada à AEL, em 1975, pelo acadêmico e sua esposa Laura Madeira de Freitas Leão¹.

¹ No artigo do acadêmico Getúlio Marcos Pereira Neves, "A sede da academia: legado do acadêmico Kosciuszcko Barbosa Leão", pode ser lido o percurso da Academia até chegar à sede atual. *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, Vitória, v. 26, p. 49-54, 2021. Disponível em: <http://ael.org.br/publicacoes_da_academia_espirito_santense_de_letras/revista_ael_2021.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2021.



Retrato de Laura Madeira de Freitas Leão e busto de seu esposo Kosciuszcko Barbosa Leão. Ao lado, vista da residência gentilmente doada à AEL, em 1975, na Praça João Clímaco, na Cidade Alta, centro histórico de Vitória (Fotos sem crédito).

Hoje essa casa é a sede da AEL, conhecida como CASA KOSCIUSZCKO BARBOSA LEÃO, e seu retrato está na estampa do selo do correio do Brasil. Na casa são realizadas reuniões, palestras, debates e nela permanecem as obras raras nacionais e estrangeiras na Biblioteca Saul de Navarro, rico acervo para pesquisas, e a AEL criou a medalha Kosciuszcko Barbosa Leão, como uma forma de agradecimento póstumo a este acadêmico.

No pórtico da casa está a estátua do Coração de Jesus, como que recebendo os visitantes.



Imagem da medalha Kosciuszcko Barbosa Leão (Foto de Ester Abreu Vieira de Oliveira) e do pórtico de entrada da Academia (Foto de Jô Drumond).

Aí está como um respeito dos acadêmicos à fala de Kosciuszcko Leão, como consta na ata do dia 24 de dezembro de 1975, lavrada pelo secretário Aylton Rocha Bermudes, o término do discurso desse generoso acadêmico:

[...] prezados confrades, há um coração maior que os de todos nós, a receber nesta casa a Academia de Letras como sua dona é o Coração

de Jesus, exposto sobre o peito de sua imagem, que, em seu altar no pórtico desta sua nova morada, aí lhe estende os braços abertos para estreitá-la com amor, abençoá-la com sua graça e lhe garantir com segurança toda felicidade.

Referências:

ACADEMIA Espírito-santense de Letras. Disponível em: <<http://www.ael.org.br/>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

NEVES, Getúlio Marcos Pereira (Org.). *Documentos da Academia*. Vitória: Academia Espírito-santense de Letras, 2009.

NÚCLEO de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples). Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples>>. Acesso em: 7 jan. 2021.

RIBEIRO, Francisco Aurelio (Org.). *Patronos & acadêmicos*. 4. ed. Serra: Formar, 2014.

VALLE, Eurípedes Queiroz do. *Dicionário informativo do Estado do Espírito Santo*. 2. ed. Vitória: Departamento da Imprensa Oficial, 1959.